

ENSAIO SOBRE A PAISAGEM COMO FONTE HISTÓRICA- GEOGRÁFICA: ELEMENTOS RECÔNDITOS.

Cauã Guido

*Universidade Federal da Fronteira Sul
csgguido@gmail.com*

Fernando Rosseto Gallego Campos

*Instituto Federal de Santa Catarina
Fernando.campos@ifsc.edu.br*

Eixo 07: Ciências Humanas

Resumo: Neste trabalho apresentamos um ensaio sobre a paisagem como ferramenta na reconstituição de espaços. A categoria de análise apresenta formas distintas de abordagens e metodologias, variando nas ciências humanas definições e utilização. A partir de um poema de Mário Quintana, levantamos a questão da possibilidade de reconstituir uma paisagem de um recorte do espaço-tempo passado, concatenando objetivos distintos da geografia e da história, que se completam. A multiplicidade pluridimensional da paisagem permite o debate sobre suas formas, tanto nos aspectos materiais, quanto do imaterial, do sentido, da percepção e do subjetivo. Objetiva-se a reflexão de uma diretriz que alinhe e delimite o pensamento histórico geográfico com a geografia cultural, considerando que a vasta produção sobre a paisagem.

Palavras-chave: Paisagem. Geografia cultural. Geografia histórica.

Introdução

Os distintos vetores das relações produtoras do espaço aparecem de forma caótica e desordenada. Faz-se, portanto, necessário algumas delimitações metodológicas para as pesquisas científicas. Essa delimitação, no entanto, se apresenta por vezes como um trabalho ingrato. A profusão de definições, debates e conceituações ramificam e divergem, amplificando a produção científica das ciências humanas, mas também o trabalho do pesquisador de continuidade sem redundância desnecessária.

O desenvolvimento da ciência geográfica se satisfaz dessa variação. À medida que trabalhos surgem, novos questionamentos são feitos, tensionando o que se entende como clássico, reforçando sua contundência, ou dispersando sua iminência. Como etapa de pesquisa da pós-graduação, delimitar quais ramos e quais linhas de pensamento dentro da conceituação dos paradigmas que serão utilizados possibilita não só direcionar o trabalho, mas ter contato com novas e variadas fontes. Neste contexto, estabelece-se este trabalho, que visa ensaiar

sobre a paisagem enquanto categoria e vislumbra desembaraçar o conceito, dentro da sua aplicabilidade como paradigma para a pesquisa no ramo da geografia cultural.

Um dos avanços científicos, que será abordado a seguir, é a interação da leitura geográfica da paisagem com as contribuições do campo da história. Reavaliar a forma de ler e pensar a paisagem é um exercício multilateral, tensionado por convicções que se desfazem. Correa (2013) estimula o debate, enquanto historiador, elencando as formas que os geógrafos entendem um estudo sobre a paisagem. A contrapartida se forma conforme se evidencia a necessidade de a geografia crítica também ter atenções voltadas à descrição de lugares. Paisagens descritas podem esboçar mais do que um inventário, mas uma linha do tempo entre o antigo e o novo, justificando situações e eventos.

Exercitamos aqui esse debate a partir de uma reflexão de uma obra literária do autor Mário Quintana, que viveu entre 1906 a 1994. O objetivo é entender a paisagem a partir de um retrato que esboça aspectos físicos e imateriais de uma paisagem representada pelo autor a partir de sua experiência naquele espaço, evidenciando subjetividades pretéritas, ou ainda um universo simbólico. Doravante, inicializamos o debate de como a metodologia que pode ser aplicada a músicas, textos, poemas e fotos, e o que ela busca identificar na paisagem.

Desenvolvimento e seus subitens

Mário Quintana foi um importante poeta gaúcho que viveu no século passado, e que, fascinantemente¹, marcou gerações com suas obras. Na elaboração deste trabalho, durante a leitura do poema “Na minha rua”, parte de uma coletânea de Poemas de 1940, chamada de “A rua dos Cataventos”, me chamou atenção o entrelaçamento da escrita poética com um relato histórico-geográfico de uma paisagem. Os escritos relatam aspectos sociais, culturais e físicos do espaço geográfico abordado pelo poeta: A pequena cidade de Alegrete, no interior do Rio Grande do Sul.

Mais do que uma métrica enriquecida com rimas e condicionantes, o soneto de Quintana concerta a função literária da poesia e transversa uma função descritiva. A narração de elementos concretos, como janela, rua e comércio deste soneto, coaduna com o conjunto da obra, que contém outras trinta e quatro passagens que ajudam a entender a configuração daquele espaço percebido. As projeções sobre o terreno material, que englobam a produção e reprodução interagem com a formação social própria daquele lugar.

1 Pequena referência à uma das características de seus poemas. O uso de advérbios marca sua escrita e enriquece as rimas do autor, estabelecendo uma característica identitária.

Considerando a interação exposta pelo soneto de Quintana, para além de uma dialética que compõe o espaço geográfico, observamos um lado sensível, habitado pela humanidade de um sujeito social. Isso implica dizer que a leitura de um espaço vivido, percebido e concebido suturam a subjetividade humana na composição dos aspectos materiais, nas dinâmicas e nos processos.

A geografia apresenta ferramentas para um trabalho de análise espacial, como o sugerido, que podem ser encontradas dentro do conceito de paisagem. Berque (2004) atribui à paisagem condições de interpretação da sociedade e do meio como paradigma. “Entendo a geografia cultural como um estudo do sentido (global e unitário) que uma sociedade dá à sua relação com o espaço e com a natureza, relação que a paisagem exprima concretamente” (Berque, 2004, p. 84).

Postula-se a categoria de análise de paisagem como modalidade para abordar o espaço. O autor agrega a leitura da paisagem associando a condição de “*marca*”, por sua relação com a sociedade e organização social, e que pode ser inventariada e retratada, de forma a elencar suas formas. Ao mesmo tempo que é *matriz*, por relevar e possuir contato íntimo com as percepções, emoções, práticas e costumes relacionadas à cultura. A ideia de Berque fundamenta o aspecto que buscamos aqui, que é a reflexão sobre como a paisagem é capaz de abranger tanto os elementos materiais quanto imateriais dos objetos de estudo do pesquisador geógrafo utilizando-se de fontes históricas, como músicas, poemas, textos, retratos e afins.

A peculiaridade da abordagem da paisagem *marca* para retratar o espaço geográfico não é limitada. Milton Santos (1979) reflete que através do tempo histórico é que acontece alterações e desenvolvidas novas estruturas no espaço. Partindo deste ponto, a reconstituição da paisagem, tanto enquanto *marca*, quanto *matriz*, assiste a repercussão de fatos e eventos, apresentando um encadeamento lógico para tais evoluções.

Seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse existência no tempo histórico, (...) a sociedade evolui no tempo e no espaço. O espaço é o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. (...) Somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial (SANTOS, 1979, pp. 42-43).

Portanto, esboça-se um novo desafio. Reconhecer e reconstituir não apenas a paisagem *marca*, mas sim a paisagem *matriz* de outros espaços-tempos. Retomar a imaterialidade

presente na paisagem *matriz* especificamente significa resgatar emoções, sentimentos, afetos, sensações, costumes e motivos não tão evidentes justamente por sua forma subjetiva. Para isso, um caminho que se apresenta é a busca de fontes que alcancem estes aspectos.

A composição literária do gênero lírico se estrutura como parte do espaço. Eno (1975) transpõe sua experiência e avaliação sobre produções musicais que se associam à paisagem. Para o autor, o produto das emoções humanas se conecta com o que era percebido do ambiente, como sons e cheiro. Os elementos não disputam espaço com o que é dado, mas se complementam. Desse contato, novas experiências são promovidas, instigando novas marcas e processos (GOLÇALVES, 2016).

As distintas identidades e práticas singulares constituem práticas sociais tradicionais, que coletivamente agregam à formação espacial. O universo simbólico (PEREIRA e GIL FILHO, 2012), engloba as relações imateriais da sociedade, e se expressam pelo contato com o universo dos fatos, na forma de produções humanas. O resultado que o sistema simbólico exprime em contato com os fatos são novas dimensões de realidade, e que podem impressas na paisagem. Gil Filho cita o mito, a religião, a linguagem e a arte (PEREIRA e GIL FILHO, 2012).

O espaço sagrado é redefinido a partir da discussão sobre o conceito de representação e espaço na “Filosofia das Formas Simbólicas” de Cassirer entendendo a religião, o mito, as artes, e a linguagem como a[s] conexões funcionais entre o universo dos fatos e o universo simbólico, ou seja, formas fundamentais de compreensão do mundo. A atividade simbólica modela o mundo em dimensões de experiências que realiza o ser. Sendo construtora das cosmovisões, a religião, estrutura mundos de significados e organiza o ‘devir’ (GIL FILHO, 2012, p.42)

Essas impressões na paisagem, portanto, não são restritas às construções concretas. As diversas expressões artísticas, religiosas, musicais e literárias são expostas e observadas socialmente. Apreciadas, sentidas e criticadas, reverberam em cada interlocutor distintas leituras e interpretações. A materialização acontece através dos agentes induzidos pela interação com a produção subjetiva, que direcionam ações pautadas no contato com a arte e a produção subjetiva. Hoje temos nomes de ruas em diferentes cidades com o nome de Mário Quintana, por exemplo, e uma construção relevante no centro histórico de Porto Alegre transformada em um museu e casa de cultura homenageando o escritor.

Para o pesquisador que trabalha com os paradigmas geográficos, a otimização da leitura espacial oportunizada pela paisagem abre um leque para uma nova forma de pensar. A paisagem, segundo Puntel, é capaz de transmitir a funcionalidade do espaço percebido através

dos sentidos (PUNTEL, 2012). E essa transmissão ultrapassa o limite do visível, revelando informações através dos sussurros.

Ressaltar o caráter simbólico da paisagem é direcionar a forma de entender o espaço. Reafirmar o caráter simbólico da paisagem, sendo entendida como marca, ou seja, descritiva e inventariada, e também como matriz, “porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, que canalizam, de certa forma, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza” (PUNTEL, 2012, p. 29), coaduna a natureza de espaço vivido, carregada dos símbolos, visíveis ou não. Torres relaciona que

[...] pode-se aferir que mesmo no campo sonoro, as paisagens carregam as marcas do lugar e das pessoas, implicando na criação de identidades dos lugares a partir dos sons que neles ocorrem, sobretudo porque há lugares que possuem sons que são únicos, que não se repetem em outras localidades – ao menos não da mesma maneira (TORRES, 2014, p. 46).

A possibilidade simbólica da paisagem se apropria de aspectos físicos e concretos na consolidação de uma resultante abordada por diferentes segmentos. As artes, a arquitetura e a história também se debruçam sobre o estudo da paisagem. Correa (2013) aborda como a paisagem se configura como uma fonte também histórica.

A profusão de leituras sobre a paisagem enriquece ainda mais a categoria de análise, e diferentes abordagens ajudam a preencher lacunas e expandir limites. A abordagem histórica sobre a paisagem constitui uma importante fonte, que viabiliza o acesso a tempos distintos. Mesmo dentro de uma construção material, a reconstituição da paisagem (CORREA, 2013) evidencia costumes, práticas, relações e dinâmicas que podem escapar ao geógrafo.

Conclusão ou Considerações Finais

A paisagem como fonte é um recurso que tem muito a contribuir com a geografia na leitura sobre o espaço. O soneto apenas exemplifica o elo entre indícios geográficos no espaço e o tempo, capaz de exteriorizar e teorizar elementos que deixam de compor o resultado final na paisagem, mas deixam marcas a partir de processos e dinâmicas.

A geografia histórica coloca-se, portanto, como mais uma ferramenta eficiente no trabalho da análise geográfica, à medida que ajuda a superar lacunas e evidencia potencialidades. Reconhecer o caráter variável da paisagem, que acolhe marcas e está sujeita a mudanças rápidas e profundas, é aceitar que a geografia necessita de formas de projetar as evoluções no decorrer do tempo. Estes recortes e reconstituições evidenciam os processos, tão valiosos no debate geográfico.

Por fim, o uso de fontes como literatura, fotos e músicas, afirmam-se como potentes ferramentas na análise geográfica. São produtos de uma interação do social com o meio, testemunhas de uma construção subjetiva sobre o concreto, que reafirmam o que seu autor experienciava do espaço geográfico naquele momento. Suas contribuições são validadas nas artes, na história e, entendemos a partir dessas leituras, que podem também contribuir à geografia, revelando lapsos ocultos do espaço.

Referências

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: **Elementos da problemática para uma geografia cultural**. Em: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Paisagem tempo e cultura, 2ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CORRÊA, D. S. História ambiental e a paisagem. *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) revista de la Solcha*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 47–69, 2012.

ENO, B. **Discreet Music**. Londres: Obscure; Nova York: Island Records, 1975.

GONÇALVES, T. R. A geografia na música ambiente: paisagens imaginadas. **Caderno de Geografia**, v. 26, n. 47, 2016.

PEREIRA, C. J.; GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião e Espaço Sagrado: Diferenças entre as noções de lócus material e conformação simbólica -. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 35–50, 2012.

PUNTEL, G. A. **A paisagem na geografia. Em Paisagem: leituras, significados e transformações**. Organizado por Roberto Verdum et al.- Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

SAFATLE, V. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2021.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. **O espaço geográfico como categoria filosófica**. Terra Livre, p. 1-8, 1988.

TORRES, M. A. **Os sons que unem: A paisagem sonora e a identidade religiosa**. Tese de doutorado. Curitiba, PR: UFPR, 2014.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.